

## GEOGRAFIA AGRÁRIA

### BAIRROS RURAIS DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA

NICE LECOCQ MULLER

O estudo dos nossos bairros rurais é sempre uma contribuição valiosa para a Geografia Agrária brasileira, dado a escassês do seu conhecimento entre nós. A presente contribuição é de autoria da Dra. Nice Lecocq Müller, sócia efetiva da A. G. B. e professôra assistente do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

A extrema escassês de estudos específicos sôbre o habitat rural brasileiro é fato comprovado pelos especialistas na matéria. Tal lacuna ficou amplamente patenteada no decorrer da XII Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Colatina, 1957), por ocasião do Simpósio sôbre o Habitat Rural. De lá para cá, não nos consta que a bibliografia acuse novas contribuições. O fato, já por si lamentável, é tanto mais grave uma vez que, como apontou Elza Coelho de Souza Keller, "o padrão de povoamento no Brasil ainda está por ser determinado" (1).

Sendo o habitat disperso forma inegavelmente dominante no meio rural brasileiro, deveria êle merecer estudos numerosos e detalhados que possibilitassem, no futuro, o estabelecimento de uma sistemática e melhor compreensão dos nossos sistemas agrários e da organização de nossas comunidades rurais. Com mais razão, por serem raras, as formas de aglomeração, mesmo incipientes, deveriam despertar a atenção dos pesquisadores.

No caso do Estado de São Paulo, o *bairro rural*, forma regional de organização do habitat, que pode encontrar similares em outras áreas do país, vem constituindo um desafio. Alguns trabalhos já foram realizados, pois, como diz Elza Coelho de Souza Keller, "os geógrafos paulistas têm procurado identificar sempre os tipos de povoamento rural característico das áreas que estudam, quer em

(1) — Elza Coelho de Souza Keller, "Estado atual dos conhecimentos sôbre o habitat rural no Brasil", p. 145.

trabalhos de Geografia Regional, quer nos de Geografia Humana" (2). No entanto, embora reconhecido como forma identificada de habitat rural, o *bairro* é ainda um grande desconhecido no que se refere a detalhes sobre sua gênese, funcionalidade e variedades morfológicas. Sem se falar que, como unidade socio-econômica, mereceria, também, estudos cuidadosos de especialistas afins.

Foi essa preocupação, enunciada no decorrer de uma aula, em curso de Geografia Agrária, que foi transmitida a alunos do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, motivando a realização do presente estudo. Um grupo de dez moças e um rapaz formou-se, voluntariamente, com o objetivo de realizar pesquisas sobre os bairros rurais paulistas: a semente havia encontrado solo fértil, constituído por mentes alertas, inteligências vivas e grande disposição para o trabalho (3).

Como área de estudo, escolheu o grupo o município de Piracicaba, em função de várias facilidades que essa seleção apresentava (4). Evidentemente, pelo seu elevado nível técnico de agricultura, pelo padrão de vida acima da média, pelo nível cultural relativamente alto, Piracicaba não constitui um exemplo que permita generalizações para o Estado de São Paulo. Assim sendo, apresentamos os resultados como uma contribuição à série de estudos regionais que deveriam ser realizados como primeiro passo à compreensão de nossa realidade agrária.

Foram estudados trinta bairros, escolhidos um pouco por inspiração momentânea, à medida que se percorria a área, mas dentro

(2) — *idem*, p. 152.

(3) — Por ser da mais rigorosa justiça, aqui ficam registrados, nominalmente, os alunos que participaram das pesquisas realizadas: Clara Tokumaru, Edir Pereira e Silva, Ieda de Oliveira Bueno, Liliã Laganá, Lucia Comegno, Luiz Oscar Cunha de Toledo, Maria Enokida, Maria Adélia de Souza, Maria Dalva Pucinelli, Maria Regina Cunha de Toledo e Midori Katayama.

(4) — A esse respeito devemos consignar nossos mais sinceros agradecimentos à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" que cedeu o seu "ginásium" para pernoites, e à Prefeitura Municipal de Piracicaba, que forneceu o indispensável caminhão para o deslocamento da equipe na área rural.

do critério de termos exemplos para cada unidade paisagística do município e para os diversos tipos e tamanhos de bairros. De acôrdo com as diferentes unidades administrativas do município (V. mapa da distribuição dos bairros estudados), tal foi a representação de nossa amostragem:

Distrito de Piracicaba	—	17 bairros
Distrito de Artemis	—	5 bairros
Distrito de Saltinho	—	4 bairros
Distrito de Ibitiruna	—	3 bairros
Distrito de Tupi	—	1 bairro
<hr/>		
Total	—	30 bairros

Levando em consideração os tipos de bairros segundo a atividade econômica (V. mapa da distribuição dos bairros segundo tipos de atividades), temos a seguinte amostragem em nosso estudo:

bairros ligados à cana de açúcar	—	5
bairros ligados à criação	—	1
bairros ligados à policultura	—	8
bairros de economia mixta:		
cana de açúcar e policultura	—	10
criação e policultura	—	5
criação e cana de açúcar	—	1
<hr/>		
Total	—	30 bairros

Embora não nos tenha sido possível obter dados estatísticos referentes a todos os bairros investigados, aqueles que nos foram fornecidos indicam a amostragem corresponde, realmente, a unidades de povoamento de tamanho variável. Assim, nas várias categorias, temos a seguinte representação:

bairros com mais de 500 casas:	1	(Santana, com 580)
bairros com mais de 400 casas:	1	(Dois Córregos, 402)
bairros com mais de 300 casas:	1	(Água Branca, 350)
bairros com mais de 200 casas:	4	(Bairrinho, com 300; Páu d'Alinho, com 270; Tanquinho, com 250 e Páu d'Alho com 240)

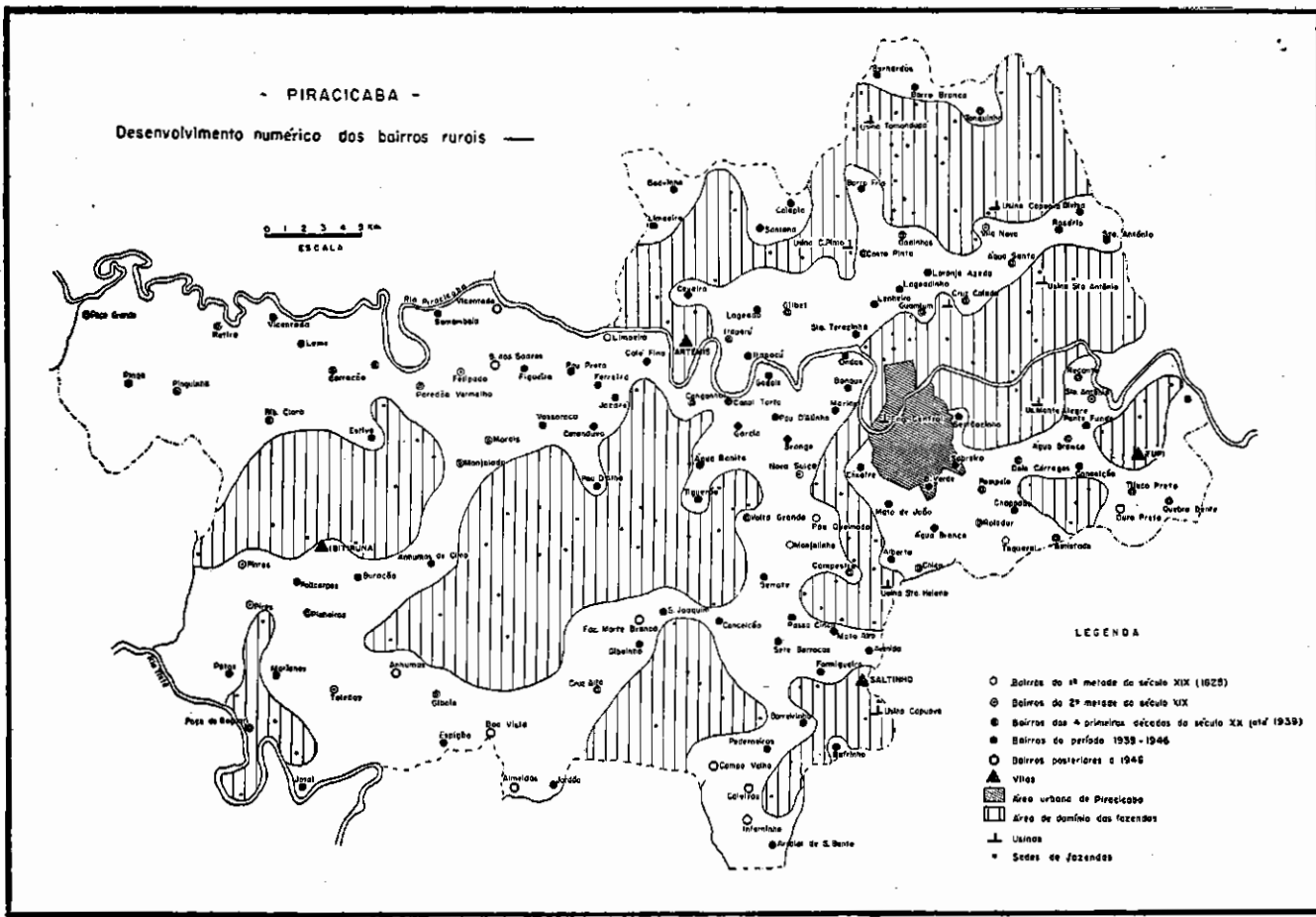


Fig. 1

- bairros com mais de 100 casas: 3 (Vila Nova e Chicó, com 200 cada e Serrote, 180)  
bairros com menos de 100 casas: 1 (Arraial de São Bento, com 60 casas).

Evidentemente, o presente estudo apresentará falhas. Nem sempre se conseguiu manter o mesmo padrão de informações nos bairros pesquisados: todos conhecem os problemas que derivam da falta de receptividade, da dificuldade de transportes adequados e suficientes, da presença de estradas periodicamente intransitáveis, da premência de tempo, das limitações impostas pelo auto-financiamento dos trabalhos. Além do mais, cumpre esclarecer que a pesquisa foi realizada com o intuito de treinamento e estudo, sem a pretensão de esgotar o assunto; apenas, como os resultados fossem bastante satisfatórios e como estímulo aos seus executantes, foi êle elaborado e é agora apresentado, como contribuição ao estudo do habitat numa área rural paulista.

#### ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS BAIRROS RURAIS PIRACICABANOS

De acôrdo com vários trabalhos já realizados (5), o bairro rural constitui tipo de habitat bastante comum no Estado de São Paulo, onde constitui uma unidade de povoamento, formado que é por um conjunto maior ou menor de estabelecimentos.

No município de Piracicaba são êles bastante numerosos, atingindo a cifra de 123 bairros, conjunto que se formou através da seguinte evolução:

- (5) — Podem-se citar os estudos de Alice Canabrava ("Primeiras notas para um estudo acêrca dos bairros do Estado de São Paulo"), de Carlos Borges Schmidt ("O meio rural", "Aspectos do habitat rural", "Povoamento ao longo de uma estrada paulista" e "A vida rural no Brasil") e de Nice Lecocq Mijller ("Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo").
- (6) — O total é de 123 e não de 125 porque dois bairros do período anterior (Saibreiro e Bairro Verde) desapareceram como bairros rurais, absorvidos que foram pelo crescimento periférico da cidade, onde foram constituir o bairro urbano de Paulista.

<i>Períodos</i>	<i>Bairros novos</i>	<i>Total/período</i>	<i>Aumento (%)</i>
1825-1850	4	4	—
1850-1900	7	11	63,6
1900-1939	34	45	75,5
1939-1946	70	115	60,8
após 1946	10	123 (6)	8,1

a) *Os bairros do século XIX*

Os primeiros bairros registrados pela documentação existente datam de 1825, com a dissolução da sociedade Vergueiro e Souza, quando grandes glebas foram divididas e em seguida desmembradas: são dessa origem os bairros do Limoeiro, Monjolinho, Taquaral e Páu Queimado (7). A estes juntaram-se, na segunda metade do século XIX, bairros oriundos de núcleos coloniais que aí se estabeleceram, como o de Santo Antônio e o de Nova Suíça; da mesma época, mas ligado ao desejo de criação de um núcleo que servisse à área rural vizinha, é Vila Nova, fundado por três fazendeiros locais (8). Ainda da segunda metade do século XIX são vários os bairros resultantes de povoamento espontâneo, feito por uma família ou grupo de famílias, em geral subindo afluentes do Tietê e do Piracicaba. Do lado do Tietê, o ribeirão Anhumas é domínio da família Toledo, resultando, de posterior subdivisão por herança, o bairro dos Toledos; o ribeirão dos Pintos e dos Patos foram seguidos pela família Pinto e Pires, respectivamente, dando origem aos bairros que lhes levam os nomes. Afluentes do Piracicaba tiveram a mesma função: o córrego denominado Água da Felipada foi seguido pela família Felipe, dando origem ao bairro da Felipada.

(7) — Alice Canabrava considera esse último bairro como resultante do estabelecimento de negros escravos libertos, que aí se fixaram, como posseiros; pode ser que as duas hipóteses se combinem.

(8) — Que seriam Antonio da Rocha e dois italianos, chamados Cerioni e Romanini.

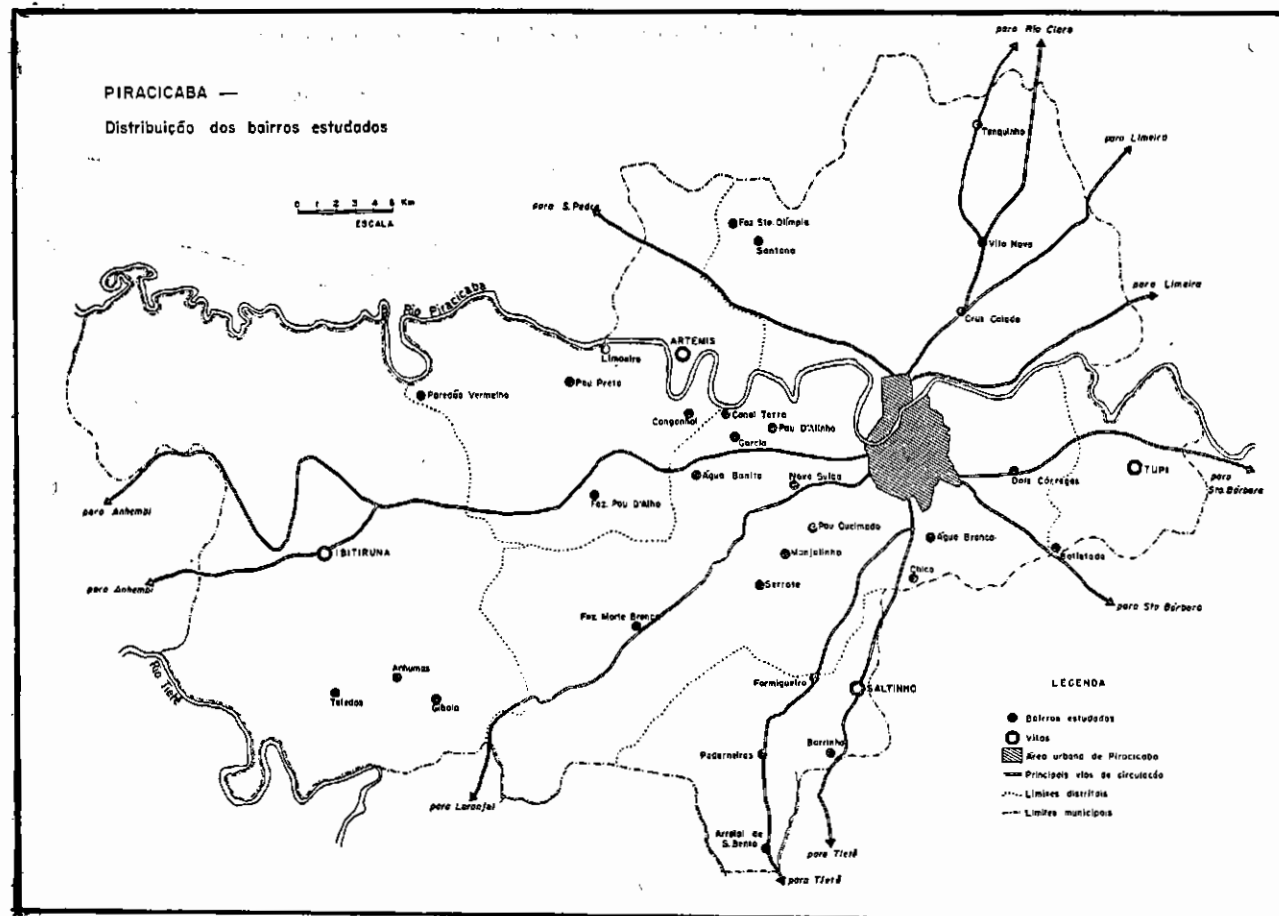


Fig. 2

Como se vê, os bairros surgidos no século passado ligam-se a três fatores básicos: a) desmembramento de terras; b) estabelecimento de núcleos coloniais e c) colonização espontânea, por elementos vindos de outras áreas, atraídos pela tomada de posse de terras, como no caso de Vila Nova, ou por patrimônios estabelecidos por fazendeiros na esperança de garantir um centro permanente de fornecimento de mão-de-obra, como foi o caso de Páu d'Alho.

b) *Os bairros das primeiras quatro décadas do século XX*

As primeiras quatro décadas do século XX apresentam o maior crescimento proporcional do número de bairros (75,5%), com 34 novas unidades. Segundo Mário Neme (9), êsse crescimento é especialmente do período entre 1920-1935 que, no século XX, teria sido o de maior intensidade de fragmentação da propriedade rural; Alice Canabrava (10) prefere limitá-lo aos anos entre 1928-1932. De qualquer forma, as duas primeiras décadas não foram, realmente, muito favoráveis à subdivisão da terra, devido à cultura do café (instalada em fins do século XIX) que, somada à da cana de açúcar (existente desde início do século XIX), fazia com que aí predominassem grandes propriedades. Os imigrantes que então entraram, embora tenham atingido a cifra de 6.480 pessoas (11), não parecem ter logrado a criação de bairros, provavelmente porque se mantiveram como assalariados, presos à lavoura do café. A partir de 1920, segundo Mário Neme, os imigrantes começaram a se estabelecer: o número de propriedades passa de 603 (1905) para 2.640 (1935), das quais os estrangeiros possuíam 50,1%, ou 1.324 propriedades. Êsse crescimento do número de propriedades, num índice de 77,1% em 30 anos, corresponde à fragmentação da terra e, de fato, à predominância da pequena propriedade, numericamente:

(9) — "Um município agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba".

(10) — Alice P. Canabrava e Maria T. Mendes — "A região de Piracicaba".

(11) — Segundo os Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo, 1900-1921.



Anos	Até 25 alq.	Até 100 alq	Mais de 100	Total
1905	399	171	93	603
1935	2254	307	79	2640
Aumento	82%	44,2%	— 14,9%	77,1%

Com essa subdivisão, novos bairros se instalaram, passando de 11, em 1939, a um total de 45. O fato se deve não apenas à introdução do imigrante, que faz seu pé de meia para tornar-se proprietário, mas, basicamente, à decadência do café, que levou à subdivisão da terra que possibilitou a instalação do imigrante. Também foi importante o desenvolvimento da cultura do algodão, um dos substitutos do café, que, por ser anual e admitir o sistema de parceria, foi importante fator de formação de bairros, o que atendia aos interesses dos fazendeiros empobrecidos, que assim tinham uma produção sem a responsabilidade de assalariados fixos. Os bairros, então, se distribuem por todo o município, ocupando especialmente a porção oeste distribuindo-se ao longo dos rios Tietê e Piracicaba e de seus afluentes, concentrando-se ao redor da cidade, num raio de cerca de 10 km.

c) *Os bairros do período 1939-1946*

Se entre 1920-1935 Piracicaba teve fase de grande subdivisão da terra, ao fato correspondendo o aparecimento de novos bairros (podendo-se citar, como tendo essa origem os de Giboia, Congonhal, Dois Córregos e Cruz Caiada), foi entre 1939-1946 que surgiu o maior número de bairros em toda a história do povoamento rural do município. Nesses sete anos surgiram 70 bairros rurais que, embora aparecendo em todo o território municipal, concentraram-se, especialmente, na área canavieira (distritos de Piracicaba e Tupi, porção centro-setentrional do distrito de Artemis). O fato não se liga, no entanto, apenas à subdivisão da terra: todos os que estudaram o meio rural de Piracicaba são unânimes em afirmar que, depois das medidas limitativas de produção da cana, impostas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (a partir de 1932), a subdivisão da terra encontrou obstáculos na ação das grandes usinas açuca-

reiras, que passaram a adquirir propriedades com quotas, afim de aumentar as suas, mesmo quando tinham que manter terras incultas. O fato é comprovado pelos dados oficiais:

Grupos de área (12)	N.º de estabelecimentos		Posição relativa (%)		Aumento % 1940-1950
	1940	1950	1940	1950	
Pequena propriedade (até 100 ha)	2.149	1.554	81,4	84,5	-27,5
Propriedade média (+ 100 a 500 ha)	367	233	13,9	12,9	-36,0
Grande propriedade (+ 500 ha)	118	50	4,5	2,6	-57,6
<b>TOTAL</b>	<b>2.634</b>	<b>1.837</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>-30,2</b>

Verifica-se que houve uma diminuição de 30,2% no número total de estabelecimentos rurais, diminuição essa que decresce da grande para a pequena propriedade. O fato indica evidente reagrupamento de terra, o que é confirmado pela evolução das áreas correspondentes a cada categoria de propriedade no período:

Tipos de propriedade	Área dos estabelecimentos (ha)		Posição relativa %		Aumento % 1940-1951
	1940	1950	1940	1950	
Pequena	49.762	42.059	38,1	28,9	-15,4
Média	43.465	49.804	32,7	34,4	12,7
Grande	37.123	52.738	29,2	36,4	29,6
<b>TOTAL</b>	<b>130.350</b>	<b>144.601 (13)</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>9,8</b>

Como se observa, houve aumento da área correspondente à grande e à média propriedade que, mesmo se computando a dife-

(12) — Para o estabelecimento das categorias de propriedades adotamos o critério local.

(13) — O aumento da área total de propriedades rurais pode corresponder à passagem de terras devolutas à propriedade privada; mais provavelmente, no entanto, corresponde a áreas não recenseadas anteriormente.

rença de 14.251 ha no total, evidentemente foi feito à custa dos 7.703 ha. perdidos pela pequena propriedade. No entanto, houve subdivisão da terra nesse período, vários bairros tendo aí sua origem, como Garcia, Serrote, Mato Alto, Arraial de São Bento, Ondas, Pederneiras, os dois bairros de Conceição. O fato vem comprovar que o reagrupamento de terras foi ainda mais sensível do que os dados deixam perceber. Mesmo com a subdivisão criando bairros, ela não pode justificar o grande número que apareceu no período: é que, aparece um novo tipo de bairro, que se instala à custa de uma pequena gleba subdividida, cercada por poucas pequenas propriedades e muitas fazendas, sua população se formando, principalmente, à custa de elementos novos, vindos de outros bairros ou de municípios vizinhos, especialmente de Rio Claro e Rio das Pedras, por elementos saídos da cidade e de elementos estrangeiros. Os questionários aplicados, que denunciaram o fenômeno, nos esclarecem, também, a razão dele: trata-se de pessoas atraídas pela possibilidade de trabalho na lavoura canavieira ou em trabalhos correlatos (transporte por caminhões), o que justifica o número muito maior de novos bairros, no período, bem como sua maior concentração na área canavieira.

d) *Os bairros recentes e tendências atuais*

Depois de 1946 diminuiu bastante o aparecimento de novos bairros, talvez porque o seu número já fôsse suficiente para atender às necessidades de organização do espaço agrário. Apenas mais 10 aparecem, a maioria por subdivisão de grandes propriedades que, por venda de suas quotas às usinas, não mais produziam cana ou que, pelo abandono da cultura do algodão, não encontraram outra solução para sua crise econômica: por isso, os bairros mais recentes são especialmente da área ocidental (onde o algodão foi mais cultivado) e na parte meridional, distrito de Saltinho, onde a cana de açúcar cedeu lugar à policultura e à lavoura fumageira.

Atualmente notam-se, nos bairros existentes, tendências diversas quanto às possibilidades de desenvolvimento. Alguns denotam estar em franca evolução, como Vila Nova, Páu Queimado, Páu d'Alho e Tanquinho, graças à entrada de novas famílias, com apa-

recimento de uma série de melhoramentos, tais como a energia elétrica e telefone. Com raras exceções, como Páu d'Alho, que cresce por ser antigo patrimônio e receber todo apóio de seu fundador, fazendeiro na área, êsses bairros estão ligados à cultura canavieira. Em retrocesso estão mais os bairros da área ocidental e meridional do município, como os de Serrote, Giboia e Pederneiras que, enquanto foram ligados ao café e ao algodão foram mais populosos, assistindo à saída de muitas famílias depois do desenvolvimento da pecuária e da policultura de subsistência, que exigiram menor mão-de-obra.

#### DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS BAIRROS RURAIS NO MUNICÍPIO DE PIRACICABA

##### a) *As áreas "vazias" de bairros*

A distribuição geográfica dos bairros rurais no município de Piracicaba acusa a presença de áreas de concentração e áreas "vazias" dessa forma de habitat rural. As áreas "vazias", em que predominam fazendas, apresentam quatro grandes áreas e cinco pequenas áreas, estas praticamente incrustadas entre bairros. Das quatro grandes áreas, duas estão na metade oriental do município, sendo uma ao Norte, numa direção L—O, e outra à altura de Piracicaba, num sentido, grosseiramente, NE—SO. Ambas estão em porções de cultura canavieira, correspondendo a zonas de influência direta das usinas de açúcar: na primeira, estão as usinas Costa Pinto, Tamanduá, Capuava e Boa Vista; na segunda, as usinas Santa Helena, Central, Modêlo, Monte Alegre e Santo Antônio. As outras duas grandes áreas "vazias" de bairros estão na porção ocidental do município, ambas acompanhando, aproximadamente, o divisor de águas do Tietê e do Piracicaba, expandindo-se pelos cursos superiores de seus afluentes. Das cinco áreas menores de predomínio de fazendas, três apresentam-se na área canavieira, acompanhando a orla meridional da faixa NE—SO de grandes propriedades, duas delas no distrito de Tupi e uma no de Saltinho, esta ainda com presença de uma usina. As duas outras estão à margem do Tietê, no setor SO do município.



Fig. 3

Uma família "cabôcla", de assalariado de fazenda, do bairro de Anhumas.  
(Fot. Midori Katayama)



Fig. 4

Crianças de ascendência europeia moradoras de bairros rurais de Piracicaba:  
à esquerda, de origem alemã (bairro da Cruz Caiada) e, à direita, de origem  
tiroleza (bairro de Santa Olímpia). (Fot. Midori Katayama)

As duas grandes áreas de predominância de fazendas do setor canavieiro ocupam solos muito variados, abrangendo tôdas as formações representadas no município, indo do Triássico ao Carbonífero, e incluindo, portanto: eruptivas básicas, as séries Botucatu, Pirambóia, Corumbataí, Irati e Tatuí. De modo geral, são solos bons e sem se falar na terra rôxa, de que a maior parte das manchas fica nessa área, as séries Tatuí e Corumbataí dão terras barrentas férteis, a Irati resulta em solos ricos em sais minerais, enquanto que as séries Botucatu e Pirambóia, normalmente de solos arenosos e de todos, os mais pobres, aí se encontram bastante "misturados" com a terra rôxa e, portanto, melhorados. As três pequenas áreas de domínio de fazendas estão, principalmente, nos solos férteis provenientes da formação Tatuí, com pequena representação de terras rôxas a SO de Tupi e de solos oriundos do Corumbataí e Irati próximos a Saltinho.

Na porção ocidental do município, a maior das grandes áreas de domínio de fazendas coincide com solos melhores, do Botucatu e Piramboia, muito misturados, inclusive com manchas de terra rôxa. A outra grande área está em solos piores, limitando-se elas à pecuária. Quanto às duas pequenas áreas de domínio da grande propriedade, a mais oriental ocupa a maior parte de uma ocorrência do Tatuí, com boa representação de policultura, enquanto que a outra, no extremo SO, está em solos do Corumbataí e Irati, dedicando-se à criação.

As grandes propriedades da metade ocidental do município apresentam a herança deixada pelo café que, tendo já encontrado a cana, instalou-se noutra área, onde não teria que enfrentar competição. Com a queda da cafeicultura, muitas fazendas foram fragmentadas, mas muitas se mantiveram, evoluindo para o pastoreio, mais a Oeste, e para a policultura com algodão como produto comercial.

#### b) *As áreas de concentração de bairros*

Os bairros, curiosamente, coincidem com áreas de solos férteis, do Corumbataí e do Irati. As áreas de concentração formam duas faixas E-O, uma indo da altura de Cruz Caiada (junto à Usina

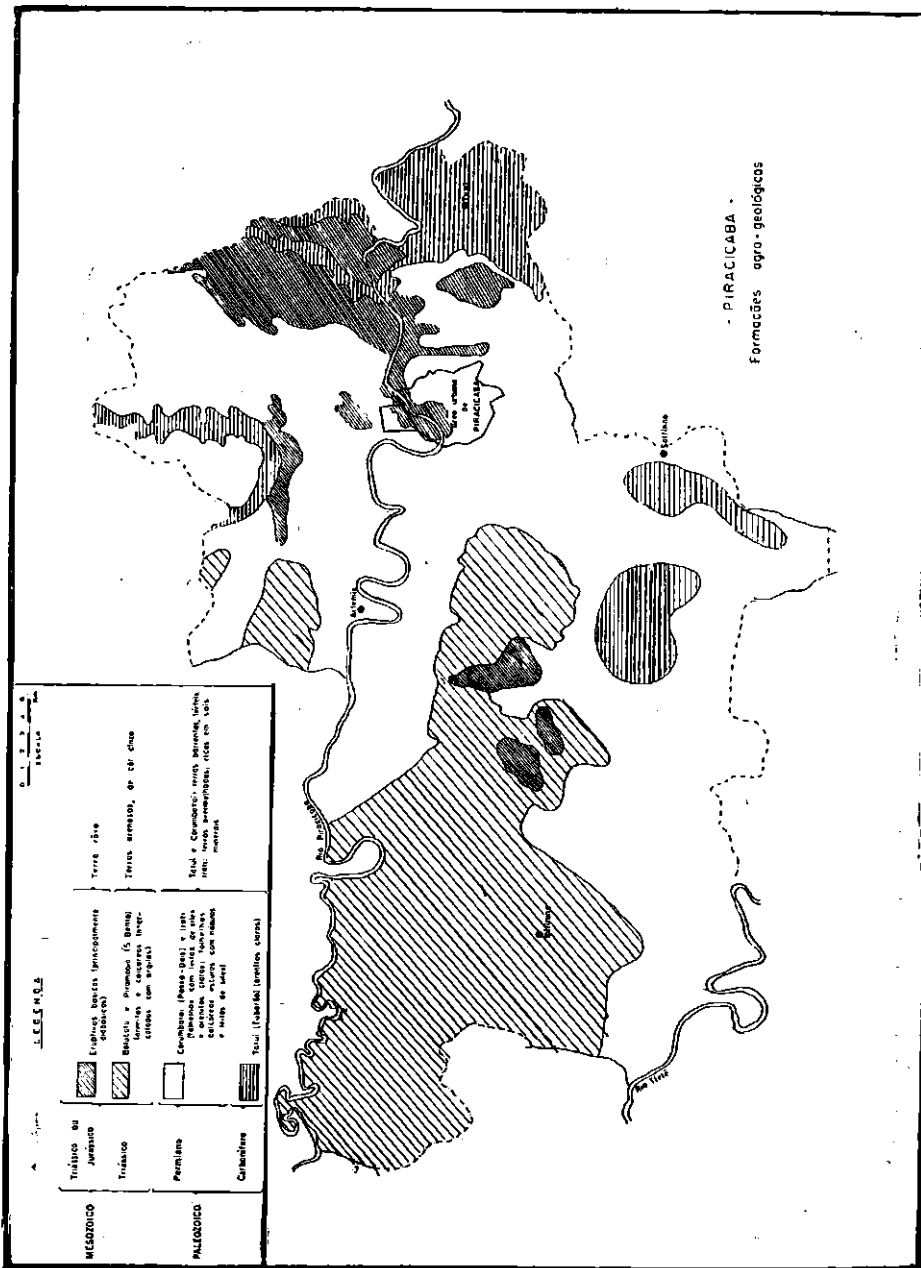


Fig. 5

Modêlo) até Samambaia (a jusante de Pôrto Cemitério), outra indo de Avenida (ao N. de Saltinho) até a confluência do ribeirão dos Pintos com o rio Tietê. Estas duas faixas, grosseiramente paralelas, são cortadas perpendicularmente por uma terceira que, no sentido N—S, se estende do ramal de Artemis até o Arraial de São Bento, no extremo meridional do município.

Além dessas três faixas, os bairros ainda se apresentam concentrados: a) na porção à margem esquerda do rio Piracicaba, de Samambaia aos limites com os municípios de Anhembi e Santa Maria da Serra, em solos do Botucatu e Piramboia, aí mais pobres porque menos misturados; b) o pequeno grupo de bairros a E. de Cruz Caiada (Água Santa, Rosário, Divisa e Santo Antônio), que ocupam terras roxas; c) os bairros ao redor de Tupi, em solos do Tatuí.

Portanto, com exceção da porção correspondente ao Botucatu e Piramboia, onde os bairros se dedicam ao pastoreio, a grande maioria está em áreas de solos bons, com possibilidade de desenvolvimento de agricultura.

c) *Distribuição dos bairros pelas áreas geoeconômicas*

Dentro dessas possibilidades, vejamos qual a distribuição dos bairros dentro das três grandes regiões geoeconômicas do município de Piracicaba: a área canavieira (distritos de Tupi e Piracicaba, porção centro-setentrional do distrito de Artemis), a área de criação e cultura do algodão (distrito de Ibitiruna e porção centro-meridional do distrito de Artemis) e a área de policultura com produção comercial de fumo (distrito de Saltinho). Na área canavieira estão 63 dos 123 bairros, numa proporção de 51,3%: são bairros que, na maioria, datam do período 1939-1946, quando surgiram 41 bairros ligados à atração de mão-de-obra, principalmente. Dos 22 bairros restantes, 12 são da primeira década do século XX, resultantes, basicamente, da fragmentação da terra. Portanto, foram dois fatos opostos, a subdivisão da terra, inicialmente, e, depois, o reagrupamento da propriedade rural, que deram origem aos bairros da área canavieira, quer como centros de pequenos proprietários, quer como



## ATIVIDADES DIVERSAS DESENVOLVIDAS NOS BAIRROS

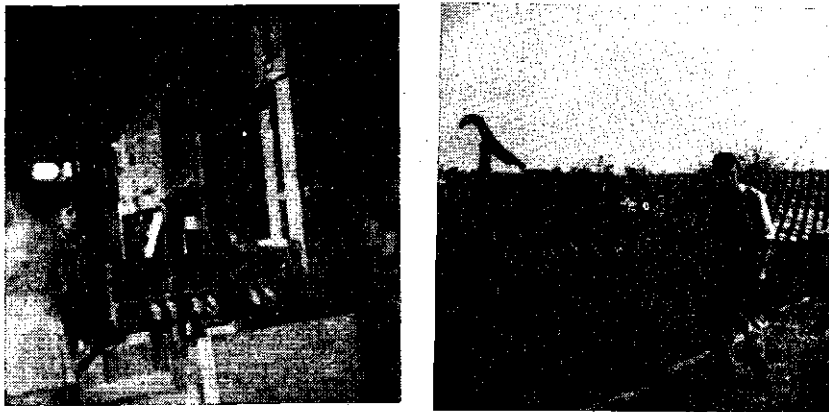


Fig. 6

No beneficiamento de produtos agrícolas estão os moinhos de fubá, como o que vemos à esquerda, do Bairrinho, e a produção de fumo em corda, como vemos à direita, também do Bairrinho. (Fot. Midori Katayama).



Fig. 7

Entre atividades que são encontradas nos bairros de Piracicaba está a cerâmica, de que vemos aqui uma grande instalação, do bairro de Cruz Caiada, notando-se as casas dos empregados. Como atividade permanente ou esporádica, o transporte tem importância nos bairros, indo desde o caminhão, para grandes cargas, até a "charrete", usada para passageiros e pequenos carretos (Bairro de Nova Suíça). (Fot. Midori Katayama).

núcleos de concentração de diferentes tipos de trabalhadores ligados à produção da cana.

Na área do pastoreio estão 41 bairros, ou 33,3% do total, a maioria da fase 1939-46 (24 bairros) e 1900-1939 (13 bairros), devendo-se lembrar que alguns deles se originaram da subdivisão da terra por herança, muitos sendo os bairros que foram formados por membros de uma mesma família, tais como os de Marianos, Policarpus e Pinheiros (ao S. de Ibitiruna) ou os de Vicentada, Leme, Moraes e Ferreiras, na margem esquerda do rio Piracicaba. Alguns se originaram da concentração de parceiros e assalariados temporários trabalhando em fazendas próximas, especialmente no algodão e nas culturas de subsistência, no período 1939-1946.

Finalmente, na área de policultura com produção comercial de fumo, a menor de tôdas, estão 19 bairros, ou 15,4% do total, a maioria proveniente de subdivisão da terra, alguns já antigos (Páu Queimado e Monjolinho), outros do período 1939-1946 (Conceição, Serrote, Arraial de São Bento, Mato Alto) e alguns recentes (como Monte Branco).

Existe, portanto, uma diferenciação espacial dos bairros rurais, e diferente representação numérica em cada área ligando-se aos vários fatores que condicionaram seu aparecimento, em pouco mais de século e meio de evolução.

#### OS BAIRROS RURAIS COMO FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO

Como vimos, a área rural do município de Piracicaba é dividida em áreas de dominância de fazendas, com seu habitat típico de "núcleos" na área canavieira e disperso na área de pastoreio, e áreas em que predominam os bairros.

Em suas áreas de dominância, os bairros se sucedem como unidades de povoamento e de organização do espaço agrário. Os bairros se compõem, como unidade de povoamento, de duas partes: um "núcleo", composto por número variável de construções, mas suficientemente próximas para que se defina um agrupamento humano na paisagem, e uma área periférica, formada por propriedades

rurais, com habitat disperso. Porisso, ao percorrer essas áreas, o observador tem sempre a impressão de um habitat disperso dominante, com adensamento em alguns pontos.

a) *Os núcleos dos bairros*

O “núcleo” é por assim dizer, o “core” do bairro, o elemento que o individualiza e caracteriza. Muito excepcionalmente, certos bairros não possuem núcleo, como ocorre no de Garcia, conjunto de pequenas propriedades resultante de subdivisão de uma fazenda pertencente a família que lhe deu o nome; é identificado apenas por corresponder à gleba inicial e, pequeno e sem vitalidade, serve-se das facilidades oferecidas pelos bairros vizinhos. O mesmo ocorre no bairro de Páu Preto, dependente da vizinha Fazenda da Figueira.

Os núcleos dos bairros são muito variáveis em suas dimensões, composição e formas. São às vezes de dimensão reduzida, formado por algumas poucas construções: o de Congonhal tem apenas 8 edificações, correspondendo à capela, escola, venda e 5 moradias. Outras vezes são bastante grandes, como o de Vila Nova, que reúne 22 construções, sendo 12 moradias e 10 de uso diverso (igreja, escola, barracão para cinema e festas, sapateiro, barbeiro, armazém, bar, açougue, loja de armazinhos, máquina de beneficiar arroz).

A composição do núcleo depende do número e variedade de atividades ou “serviços” que se fazem presentes, compreendendo, como tal, tudo que não se liga, diretamente, ao cultivo da terra. Também essas atividades são muito variáveis numericamente: nos 30 bairros pesquisados, 26 possuem “serviços” que vão de 11 a apenas 2 (14).

---

(14) — Nos bairros estudados definem-se os seguintes grupos quanto ao número de serviços: a) com mais de 5 — Vila Nova, Chicó e Nova Suíça; b) com 5 — Anhumas, Arraial de São Bento, Bairrinho, Páu d’Alinho e Serrote; c) com 4 — Pederneiras, Tanquinho, Dois Côrregos, Água Branca e Páu d’Alho; d) com 3 — Toledos, Formigueiro, Páu Queimado, Água Bonita, Cruz Caiada e Sant’Ana; e) com 2 — Monte Branco, Batistada, Congonhal, Giboia, Monjolinho, Santa Olímpia e Paredão Vermelho.

## O "NÚCLEO" DOS BAIROS



Fig. 8

O "núcleo" dos bairros se destaca como um nódulo de concentração do povoamento. Este é o "núcleo" do bairro de Páu Queimado, vendo-se, à esquerda, a escola e, à direita, em primeiro plano, a venda. (Fot. Katayama).



Fig. 9

O "núcleo" do bairro de Santa Olímpia, vendo-se a Igreja, e, em primeiro plano, a fonte pública. (Fot. Midori Katayama).

Os que mais comumente aparecem são a escola, presente em 24 dos bairros estudados (15), os templos religiosos, também presentes em 24 bairros (16) e a venda, que aparece em 14 bairros (17).

Em relação aos templos religiosos, são todos êles católicos, não tendo sido encontrado representante algum de outra seita ou denominação. Às vêzes são simples capelas, que raramente ou nunca recebem visita de padre, cuidadas por alguma família do local (frequentemente a mais antiga ou de maior projeção no grupo), onde algum capelão ou uma beata se encarrega de dirigir as rezas e ladainhas e de "puxar o têrço" por ocasião das festas religiosas, na Semana Santa ou no mês de Maria (18). Outros são maiores, já com ares de igreja ou mesmo de igreja, visitadas periódicamente (cada 2 ou 3 meses) por um padre, vindo da cidade, para a celebração da missa (19). O serviço religioso não é, como é fácil deduzir, plenamente satisfatório: nos bairros com capelas, se os habitantes quizerem cumprir com seus deveres religiosos, terão que procurar bairros vizinhos, onde haja celebração de missa, mantendo um calendário do rodizio estabelecido pelos padres em suas visitas às igrejas rurais; mesmo os bairros com igreja têm o mesmo problema, pois apenas vez por outra contam com serviço religioso. Em todos

- 
- (15) — A saber: Páu Queimado, Tanquinho, Dois Córregos, Chicó, Vila Nova, Bairrinho, Arraial de S. Bento, Serrote, Toledos, Anhumas, Batistada, Giboia, Congonhal, Água Branca, Pederneiras, Páu d'Alho, Nova Suíça, Páu d'Alinho, Cruz Caiada, Água Bonita, Formigueiro, Monjolinho, Paredão Vermelho e Sant'Ana.
- (16) — Páu Queimado, Tanquinho, Dois Córregos, Chicó, Vila Nova, Bairrinho, Arraial de S. Bento, Serrote, Toledos, Anhumas, Batistada, Giboia, Congonhal, Água Branca, Pederneiras, Páu d'Alho, Nova Suíça, Páu d'Alinho, Cruz Caiada, Água Bonita, Monjolinho, Formigueiro, Sant'Ana, Santa Olímpia.
- (17) — Pederneiras, Toledo, Anhumas, Tanquinho, Formigueiro, Vila Nova, Páu Queimado, Nova Suíça, Serrote, Chicó, Páu d'Alinho, Cruz Caiada, Santa Olímpia e Sant'Ana.
- (18) — Monte Branco, Toledos, Anhumas, Batistada, Congonhal, Água Branca, Pederneiras, Água Bonita, Páu d'Alinho e Cruz Caiada.
- (19) — Tanquinho, Dois Córregos, Chicó, Vila Nova, Monjolinho, Páu Queimado, Nova Suíça, Arraial de S. Bento, Serrote e Bairrinho.

## OS ELEMENTOS DE COESÃO DOS BAIRROS

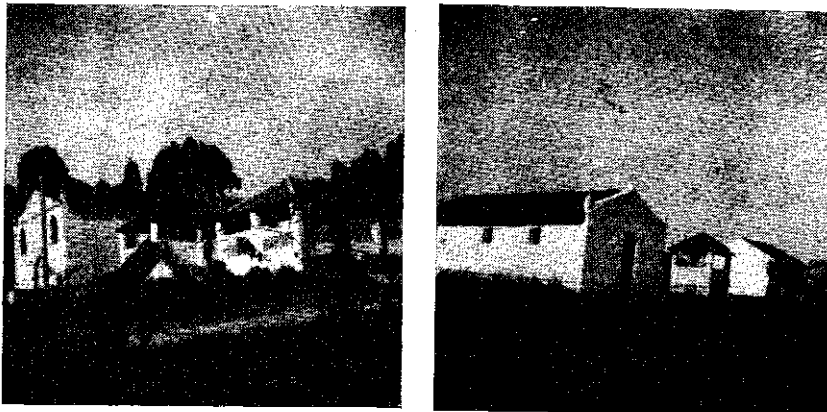


Fig. 10

A igreja, ou capela, é um dos elementos mais constantes da paisagem dos "núcleos" dos bairros, constituindo elemento importante de coesão entre os seus habitantes. À esquerda vemos a igreja do Bairrinho, com o salão de reuniões ao lado e, à direita, vemos a capela e o coreto do bairro de Anhumas, seguindo-se o posto de assistência médica. (Fot. Midori Katayama)

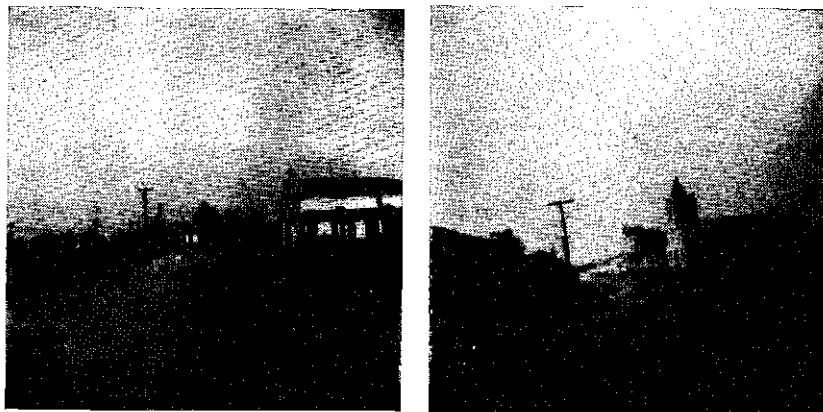


Fig. 11

Na fotografia da esquerda vemos o núcleo do bairro de Nova Suíça, destacando-se, à direita, a capela e o salão de reunião e, ao fundo, a venda. Na fotografia da direita vemos a igreja de Páu d'Alinho; à esquerda vê-se o telhado da escola velha, enquanto que, ao lado da igreja, vê-se a nova escola, em construção. (Fot. Katayama)

os casos, e mais os bairros que não possuem templo (20), a população rural tem que apelar para a cidade e vilas sempre que houver "percissão", como para a extrema-unção; o mesmo ocorre com a crisma, pois que só um bairro, Vila Nova, tem contado com esse serviço cada dois ou três anos. Mesmo para casamentos, batizados e primeira comunhão, em geral preferem se dirigir aos núcleos urbanos, onde encontram maiores facilidades de escolher datas e horários. No entanto, com tôdas essas limitações, os templos religiosos desempenham importante papel de coesão social nos bairros, atraindo os habitantes da periferia para os serviços religiosos como, e principalmente, por ocasião das festas. Raros são os bairros que não contam com festas religiosas; pelo menos uma, a do padroeiro, é realizada todos os anos. É comum a realização de duas ou três festas anuais, com santos e datas variáveis, de acôrdo com a devoção e vontade dos festeiros. Nessas ocasiões, além da população do bairro, pessoas de outros bairros comparecem, vivendo o núcleo dias realmente festivos, com visitas de amigos e parentes. Além disso, as igrejas mantêm outras atividades que possibilitam contactos sociais: o catecismo para as crianças, as reuniões de congregados marianos e algumas, como Dois Córregos e Vila Nova, chegam a possuir salões paroquiais que servem de cinema e de local para reuniões e comemorações.

Quanto às escolas, do total de 24 bairros que as possuem, 6 contam com Grupo Escolar (21), 18 com Escola Rural Mixta, sendo 2 com classes para os quatro anos de curso (22) e 16 apenas com os três primeiros anos (23). Isso significa que a grande maioria das crianças desses bairros têm que completar fora o seu curso primário: em geral preferem o bairro mais próximo ou que ofereça maior facilidade de condução mas, às vèzes, têm que apelar mesmo

---

(20) — Paredão Vermelho, Giboia, Formigueiro, Páu Preto e Garcia, estes dois últimos, sem núcleo.

(21) — Páu Queimado, Tanquinho, Dois Córregos, Chicó, V. Nova e Bairrinho.

(22) — Arraial de S. Bento e Serrote.

(23) — Toledos, Anhumas, Batistada, Giboia, Congonhal, Pederneiras, Páu d'Alho, Nova Suiça, Páu d'Alinho, Cruz Caiada, Formigueiro, Água Bonita, Monjolinho, Água Branca, Paredão Vermelho e Sant'Ana.

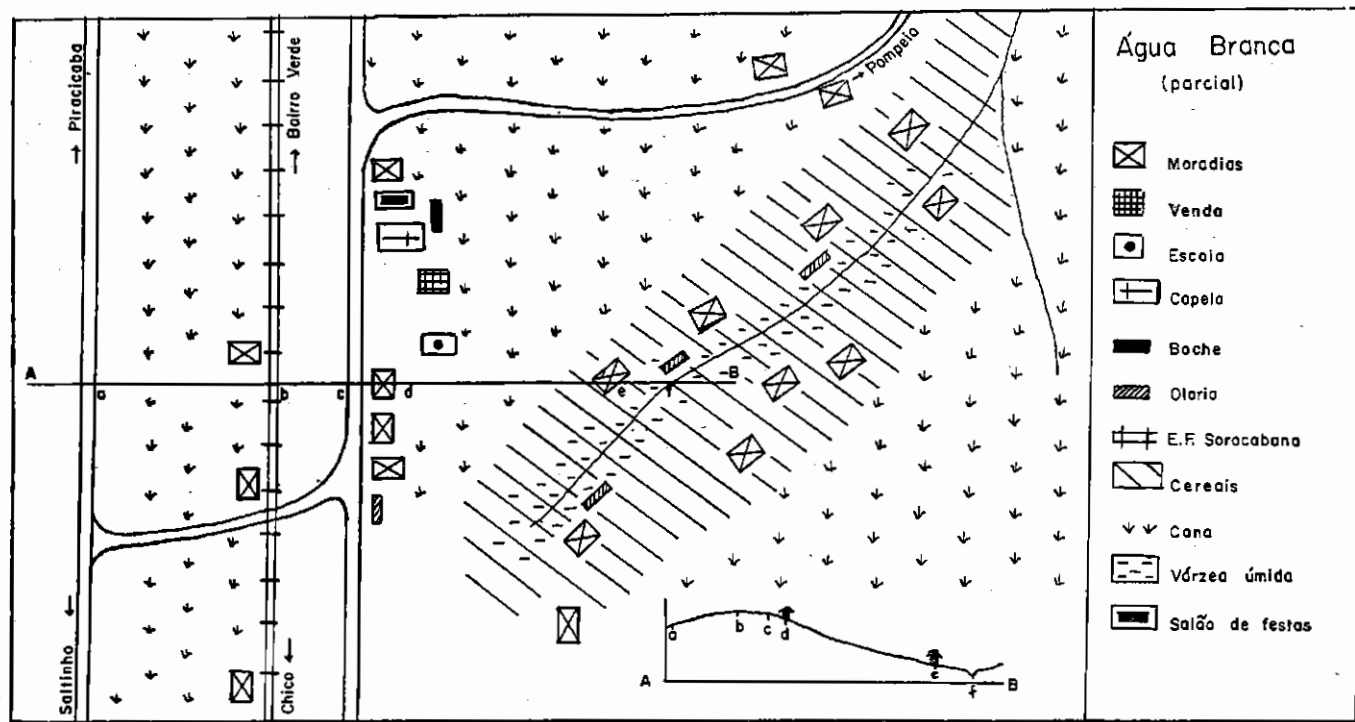


Fig. 12



para as vilas ou a cidade. Em relação ao trabalho escolar, os habitantes dos bairros registram inúmeras queixas: a contínua mudança das professoras, prejudicando o bom desenvolvimento dos programas e a adaptação das crianças; o fato das professoras não morarem no local, mas em Piracicaba, o que as leva a contínuas e por vêzes prolongadas faltas, conforme o estado do tempo ou problemas de condução; finalmente, o próprio programa que é desenvolvido. De acôrdo com a opinião de muitos dos habitantes dos bairros, para suas crianças, além das primeiras letras e as quatro operações, seria de alto valor um aprendizado ligado às atividades e às condições do meio em que vivem, de forma que a denominação "Escola Rural" não se justificasse apenas pela localização. A escola não tem a mesma função de coordenação do grupo que têm os templos, em grande parte por serem as professoras absenteistas e temporárias. No entanto, nos raros casos em que tal não acontece (como em Serrote, onde uma das professoras mora no bairro há 16 anos), constituem elas pessoas gradas, com certo gráu de liderança na comunidade.

Finalmente, no grupo de serviços mais comuns em núcleos de bairros, restam as vendas, presentes em 14 dos bairros estudados. Algumas têm instalações modestas e são pobres em estoque, tanto no volume quanto na qualidade e variedade: limitam-se a bebidas, alguns doces, o fumo em rôlo, o querozene, o sal e alguns poucos gêneros (24). Outras vêzes, são bem fornidas, tendo de tudo um pouco, chegando a certos requintes de instalação, com geladeira, sorveteira e balcões de fórmica (25). No entanto, bem ou mal equipadas, as vendas têm importante papel na vida dos bairros: ficando próximas às estradas, aí são deixadas encomendas e a correspondência, além dos freqüentes recados, que vão se amontoando num preguinho à parede, à espera que os destinatários apareçam; são pontos de reunião dos homens do bairro que, aos domingos, feriados e dias santos, aí vão, em seus melhores trajés, bebericar e con-

---

(24) — De tal tipo são as vendas dos bairros de Toledos, Chicó e Santa Olímpia.

(25) — Assim são as vendas de Anhumas, Páu Queimado, Nova Suiça, Tanquinho, Serrote e Sant'Ana.

## UM ELEMENTO DE COESÃO DOS BAIRROS: A VENDA



Fig. 13

A venda, além de sua função de centro abastecedor, é ponto de reunião e de difusão das "novidades", agindo, ainda, como agência postal, muitas vezes (Venda do bairro de Cruz Caiada). (Fot. Midori Katayama)

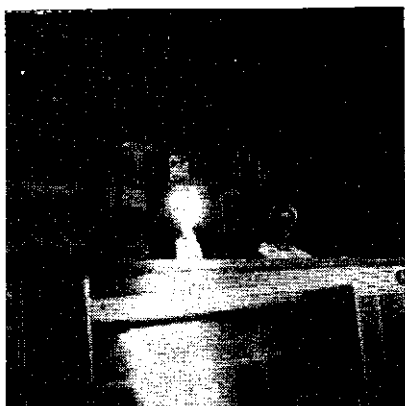


Fig. 14

A quantidade e qualidade de mercadorias oferecidas pelas vendas dos bairros à sua clientela nunca é muito farta ou de alto teor; no entanto, vão desde simples balcões para venda de bebidas e alguns poucos doces para as crianças até estoques mais ricos e instalações mais modernas, em que é infalível a geladeira. (Fot. Midori Katayama)

versar, fazer negócios, saber notícias. Acresce ainda que, ao lado da venda, por vèzes mesmo pertencente ao vendeiro, aparece muitas vèzes a cancha de "boche", a única diversão. Esta é uma evidência da grande infiltração e influência do elemento italiano na área rural de Piracicaba: encontramos 9 canchas de boche (26) contra apenas 2 campos de futebol (27), o considerado "esporte nacional".

Além desses três serviços, mais generalizados, podem aparecer ainda, mas com menor freqüência, a assistência médica, sanitária e odontológica. Seis bairros (28) contam com serviço médico, através de consultas dadas periodicamente, seja semanal ou quinzenalmente; três bairros têm assistência dentária, com tratamentos semanais (Páu D'Alho), quinzenais (Sant'Ana) ou cada dois meses (Anhumas); finalmente, um bairro — Chicó — conta com Pôsto de Puericultura e outro, Sant'Ana, com farmácia.

Mais raros, ainda, são certos serviços, ligados ao abastecimento: açougues (apenas em três bairros, Vila Nova, Pederneiras e Arraial de S. Bento), padarias (só em Arraial de S. Bento) ou verdureiros (apenas em Vila Nova).

Algumas das atividades dos habitantes do núcleo se prendem evidentemente, aos próprios serviços existentes. É claro que a inexistência de pároco e o absenteísmo dos professôres fazem com que não sejam eles elementos da comunidade, freqüentemente até mesmo desligados do grupo: é o contrário das aldeias européias, onde o padre e o mestre-escola são figuras de projeção e até mesmo de liderança. Dos que participam dos serviços básicos, o único elemento fixo e permanente é o vendeiro: transformado em fator de ligação e de contáto entre os habitantes dos bairros, assistindo às conversas, êle de tudo sabe e a todos conhece, se transformando, muitas vèzes, no líder da comunidade. Na maioria das vèzes, êle se limita ao seu comércio; pode, no entanto, desenvolver outra ati-

---

(26) — Correspondendo aos bairros de Batistada, Tanquinho, Chicó, Páu Queimado, Nova Suíça, Monte Branco, Serrote, Água Branca e Páu d'Alinho.

(27) — Em Nova Suíça e Giboia, neste último abandonado e servindo de pasto.

(28) — Anhumas, Chicó, Vila Nova, Páu d'Alho, Serrote e Sant'Ana.

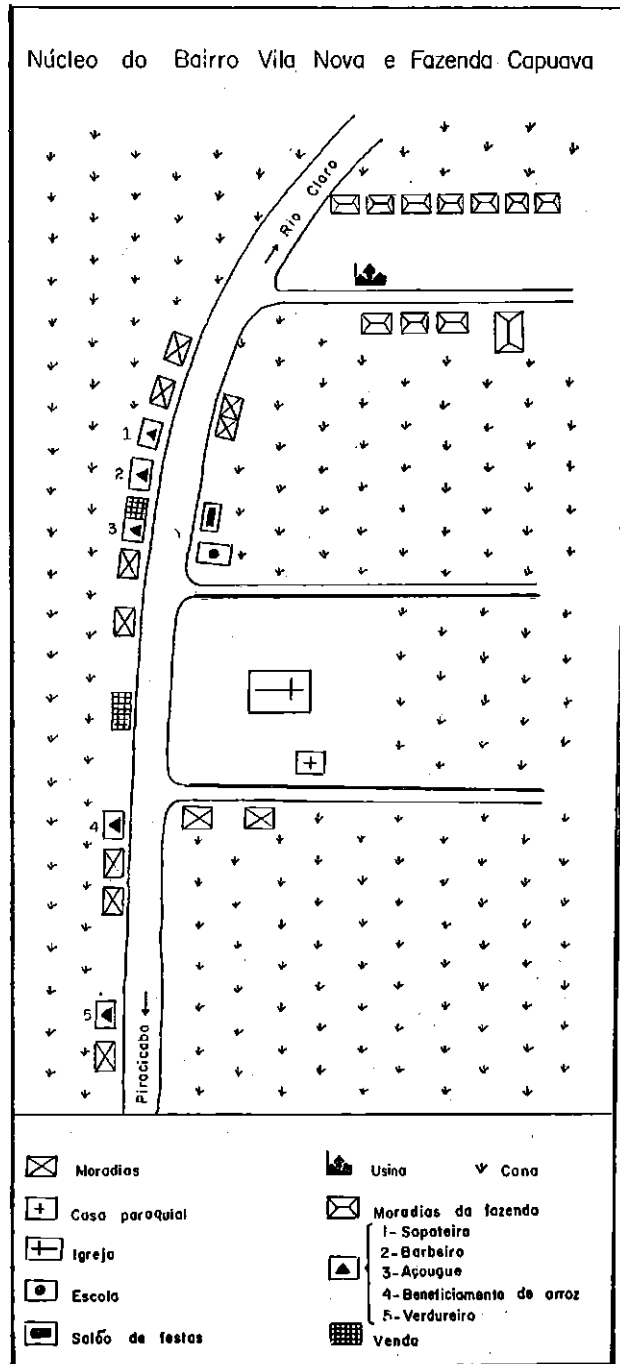


Fig. 15

vidade, como ocorre em Dois Córregos e Batistada (onde os vendedores são também pequenos proprietários) ou em Formigueiro (onde o vendeiro, assalariado, só abre a venda aos domingos).

Além das atividades ligadas ao abastecimento, algumas outras podem estar representadas nos núcleos dos bairros: a) atividades ligadas à utilização de matérias primas locais: olaria (Dois Córregos, Chicó, Água Branca e Páu Queimado) e caieira (Bairrinho); b) atividades de beneficiamento ou transformação de produtos locais: moinhos de farinha (Bairrinho e Serrote) máquina de beneficiar arroz (Vila Nova e Sant'Ana), engenhóca (Chicó) e cortume (Chicó); c) atividades ligadas ao transporte: ferraria (Arraial de S. Bento), oficinas mecânicas (Dois Córregos e Nova Suíça) e transporte por caminhão (Tanquinho e Dois Córregos) e d) ofícios que, desenvolvidos por complementação de outras atividades ou não, aparecem em alguns bairros: sapateiro (Vila Nova e Arraial de São Bento) e barbeiro (Vila Nova).

No entanto, é preciso salientar que nos núcleos também vivem famílias que trabalham a terra. Quando proprietários, são basicamente sítiantes, que se fixam no núcleo porque aí algum membro da família desenvolve outra atividade ou porque suas terras são contíguas (como em Formigueiro, Páu d'Alho, Monte Branco). Mais raramente, algum fazendeiro procura o núcleo para se instalar, quer por questões sentimentais (em Páu d'Alho mora o fazendeiro que fundou o núcleo) quer por desejo de sociabilidade e projeção social que, bem ou mal, é ali lhe proporcionado (como em Chicó, onde a casa de um fazendeiro, com televisão, rádio, geladeira e garagem, contrasta com as demais). A maior parte dos lavradores que habitam os núcleos dos bairros não se compõe, no entanto, de proprietários de terras mas de trabalhadores que aí se instalam como que à procura de uma base fixa para seus contínuos deslocamentos. Podem ser parceiros (Chicó, Água Branca, Giboia, Páu d'Alho) assalariados, empregados permanentes (Anhumas, Batistada, Dois Córregos, Formigueiro, Vila Nova, Cruz Caiada, Tanquinho) ou temporários, trabalhando por dia ou tarefa (Dois Córregos, Chicó, Pederneiras). Esses elementos provêm de duas fontes: a) antigos pequenos proprietários, que venderam suas terras e b) elementos recém-chegados, introduzidos no grupo por casamento ou atraídos

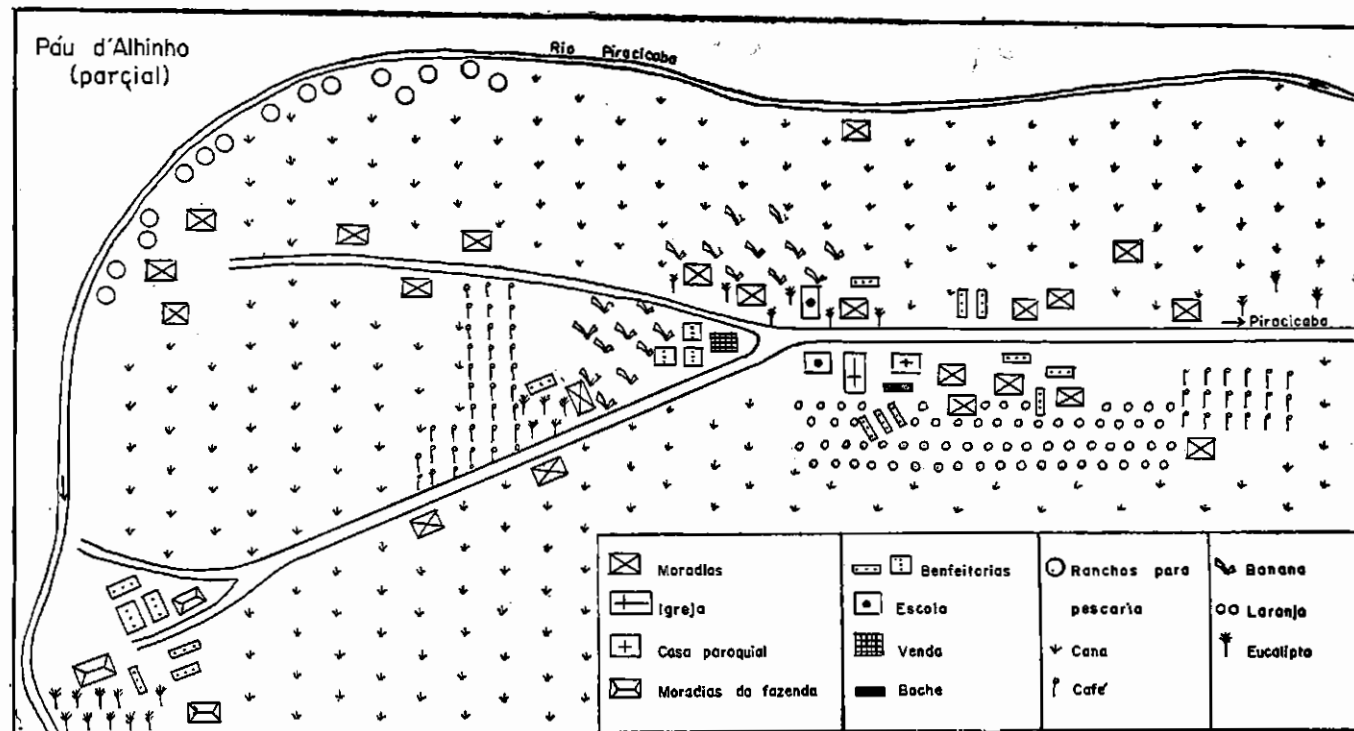


Fig. 16

por possibilidade de trabalho. Os parceiros e arrendatários trabalham, principalmente, em grandes propriedades, por prazo variável, de acôrdo com o contrato feito: caracterizam-se por sua instabilidade nas fazendas e, talvez em consequência disso, por sua estabilidade como moradores do núcleo do bairro. Os assalariados são, quase sempre, empregados de grandes fazendas canavieiras, mais raramente em outros tipos de fazendas ou em pequenas propriedades. Os empregados temporários constituem os chamados “volantes”, termo que bem identifica o caráter precário de seus contratos de trabalho sem significar, no entanto, que não sejam fixos no bairro: podem ser “diaristas”, trabalhando por dia, ou “tarefistas”, quando ganham à base de tarefa executada.

Variáveis em tamanho, em número e tipo de “serviços” e atividades, os núcleos dos bairros são também variáveis em seus aspectos morfológicos. Dêsse ponto de vista, no entanto, existe uma constante que exerce grande influência sobre a disposição das casas no terreno e, em consequência, sobre a forma com que se apresentam os núcleos dos bairros: as estradas.

Quando só existe uma estrada ou quando uma das estradas existentes é muito mais importante que as demais, o núcleo toma uma disposição linear, ordenada pela via de circulação. Os exemplos de núcleos lineares são bastante numerosos: na estrada velha para Rio Claro, os bairros de Vila Nova e Tanquinho; na estrada para Santa Bárbara, o de Dois Córregos; na estrada para Tietê, os de Formigueiro, Pederneiras e Arraial de S. Bento; na estrada para Laranjal, Nova Suíça.

Quando existem várias estradas, sítio de eleição para o estabelecimento de núcleos, as casas se distribuem pelos vários eixos de circulação, resultando um conjunto mais “nucleado”. Como exemplo de bairro com presença de duas estradas, temos Páu d’Alinho, na confluência de duas vias que se dirigem para o Rio Piracicaba, uma para Canal Torto, outra para Godois. A parte principal do núcleo (vide croquis) fica antes da ramificação, as casas, depois, se espraiando ao longo das duas vias: o conjunto resulta um tanto amorfo, numa disposição em ordem aberta. Com três estradas, acentua-se ainda mais esse aspecto: é o caso de Bairrinho

(vide croquis), em que as estradas servem de elemento de unificação mas levam a um núcleo quasi que amorfo (29).

Em geral acompanhando estradas, os núcleos dos bairros se dispõem no tópo dos interflúvios (Páu Queimado, Toledos, Cruz Caiada, Páu d'Alinho, Pederneiras, Batistada, Dois Córregos) ou a meia vertente das suaves colinas da região (Chicó, Monjolinho, Água Branca, Giboia, Páu d'Alho, Formigueiro, Arraial de S. Bento, Vila Nova).

b) *A área periférica dos bairros*

Ao redor dos núcleos dispõe-se uma área periférica, formada pelas explorações rurais correspondentes ao bairro, com habitat disperso, quer desordenado, quer com certa orientação, fornecida por caminhos e rios.

Essa área é de amplitude muito variável, já pela diversidade de tamanho das glebas que, por subdivisão deram origem ao bairro. Assim, enquanto alguns bairros contam com grandes extensões (Serrote), a outros correspondem áreas relativamente pequenas (Água Branca), muito pequenas (caso de Giboia, em que o núcleo está incrustado entre fazendas, com pouquíssimas pequenas propriedades em sua periferia) ou mesmo inexistentes, como em Formigueiro, onde o núcleo é constituído apenas de empregados assalariados.

A área periférica, com base na gleba original, pode se modificar. Pode ampliar-se, com a anexação de terras vizinhas, por compra por parte de seus moradores ou pela absorção, em seu espaço, de médias e grandes propriedades, incrustadas ou marginais, que acabam por se integrar no conjunto. Pode também diminuir, o que aliás é mais comum, pela venda de terras. Evidentemente, êsses processos dependem, em grande parte, da vitalidade do bairro: quando progressista, vence competições com bairros vizinhos e resiste à tendência de remembramento de terras por parte dos grandes

---

(29) — Dêsse tipo, com presença de várias vias de circulação, são ainda os núcleos dos seguintes bairros: Chicó, Congonhal, Serrote, Cruz Caiada, Páu Queimado, Monjolinho, Batistada.



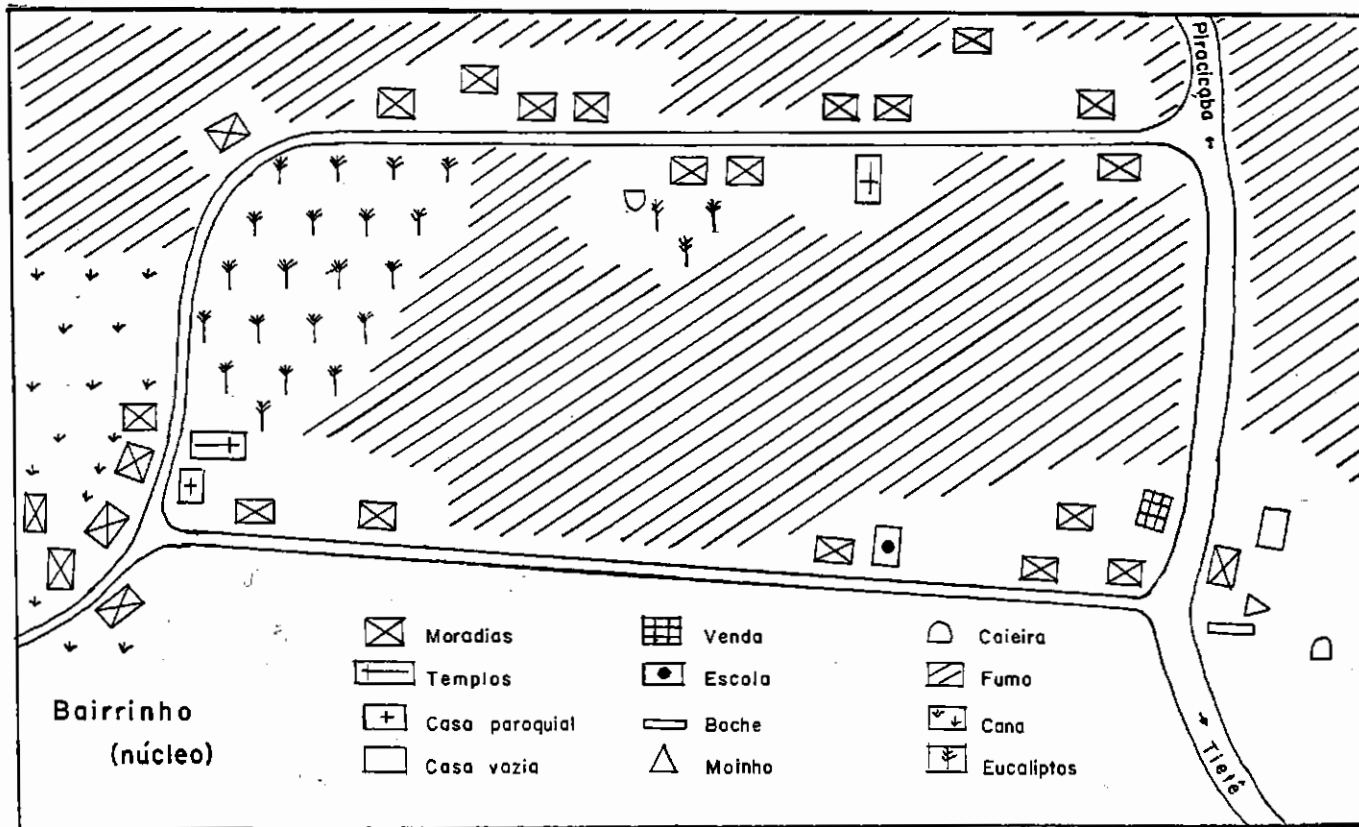


Fig. 17

proprietários; quando de fraco poder econômico, cede à concorrência de bairros vizinhos mais dinâmicos e à pressão dos fazendeiros. Assim, vem crescendo a área periférica de Páu Queimado, por expansão progressiva, à custa da integração de propriedades vizinhas; por outro lado, vem diminuindo a área periférica de Giboia, onde a introdução do gado em substituição ao café desencadeou o processo de anexação de pequenas propriedades pelas fazendas. Alguns bairros crescem quase que independentemente de sua própria vontade ou iniciativa, pela subdivisão de grandes propriedades vizinhas, os novos sitiantes, espontaneamente, selecionando determinado núcleo como centro comunitário, integrando-se em sua área periférica: foi o caso de Pederneiras, que cresceu pela fragmentação das fazendas limítrofes de Vai-Vem e Piruca.

A área periférica dos bairros, portanto, define-se pelo conjunto de explorações rurais que ficam no raio de influência direta de seu núcleo, podendo incluir grandes e pequenas propriedades, embora com predominância de sítios. Alguns bairros têm área periférica bastante uniforme, composta apenas por pequenas explorações. Assim é Anhumas, cuja periferia contém cerca de 60 sítios, resultantes de fragmentação por herança e, mais recentemente, por compra; também é desse tipo Água Branca, proveniente da subdivisão de gleba doada por D. Pedro II a Jorge Pacheco Chaves, reunindo atualmente 11 sítios com área média de 10 alqueires. São ainda do mesmo grupo: Nova Suíça, que agrupa três dos colonos iniciais, o restante formado por pequenos proprietários de origem cabócla e japonesa; Monte Branco, conjunto de sitiantes com áreas entre 1,5 e 22 alqueires; Arraial de S. Bento, com área periférica formada por sítios de 2 a 20 alqueires e Serrote, cujo núcleo é rodeado por cerca de 80 pequenas propriedades entre 2 e 50 alqueires.

Outros bairros têm área periférica constituída por propriedades de tamanho variável, como Toledos, com pequenas explorações de cerca de 50 alqueires (pequena propriedade na área, que é de criação) até propriedades médias, de 150 alqueires; Chicó, que reúne sítios de 4-5 alqueires com 6 fazendolas entre 100 e 150 alqueires; Garcia, com pequenas e médias propriedades; Congonhal, que abrange 5 sítios entre 10-15 alqueires, 1 de 30 alqueires e 1 fazenda

## A "ÁREA PERIFÉRICA" DOS BAIROS



Fig. 18

Na "área periférica", que envolve os "núcleos" dos bairros, as casas se dispõem de maneira dispersa, por vèzes ordenadamente, quando acompanham o curso de um rio ou o traçado de uma estrada, mais freqüentemente desordenadamente, como é o caso da fotografia acima, vista parcial da periferia do bairro do Monjolinho. (Fot. Midori Katayama)

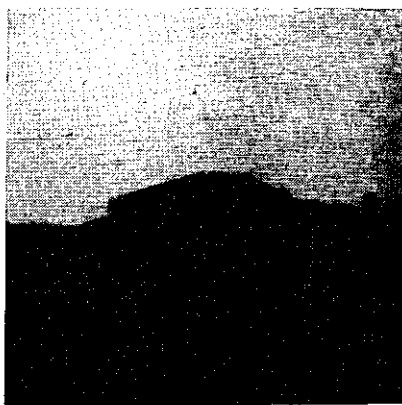


Fig. 19

Na área periférica de dispersão, as casas podem aparecer bem isoladas na paisagem, como é o caso acima, no Bairrinho. (Fot. Midori Katayama)

de 200 alqueires; Páu Queimado e Pederneiras, com pequenas propriedades (até 5 alqueires) e médias (acima de 50 alqueires).

Ampla ou restrita, a área periférica aparece como faixas de dispersão do habitat envolvendo a parte aglomerada dos núcleos; mesmo quando há certa ordenação, por ação de rios ou caminhos vicinais, a impressão geral é desordenada na maioria das vezes. Assim, as áreas em que predominam bairros como formas de organização do espaço agrário, a paisagem é marcada pela dispersão, com presença de pequenos adensamentos, amorfos ou lineares, coincidindo com os núcleos (vide croquis de Água Branca).

c) *A hierarquização dos bairros*

De proporções variáveis, em seu núcleo e em sua área periférica, contando com maiores ou menores facilidades de serviços e com diferentes graus de vitalidade, os bairros não têm a mesma importância nas áreas rurais em que predominam.

Alguns não oferecem aos seus habitantes todos os serviços de que necessitam, tendo eles que apelar para bairros vizinhos melhor equipados: uns ficam em posição de dependência, enquanto outros assumem certa liderança. Assim, Toledo depende de Anhumas para serviços religiosos (embora tenha capela, ela não funciona), para assistência médica e dentária, para certas compras que sua modesta vendinha não pode atender. Garcia, sem núcleo próprio, está em inteira dependência de Canal Torto. Monjolinho e Nova Suíça apelam para Páu Queimado para freqüência à escola enquanto todos os bairros com escolas que só possuem até o terceiro ano ficam subordinados aos que têm o quarto ano ou Grupo Escolar.

Existe, assim, uma hierarquia entre os bairros, formando-se uma rede que, por sua vez, engrena com os restantes do meio rural e com os centros urbanos. A ligação com outras formas de habitat rural se faz pelas relações com certas fazendas e usinas, especialmente quando há entre eles relações de trabalho e produção. Os habitantes de Batistada, por exemplo, se abastecem no armazem da Usina Monte Alegre, enquanto os de Formigueiro freqüentam e se servem das facilidades oferecidas pela fazenda próxima, em que a maioria trabalha. A ligação com os centros urbanos se faz por vezes

TIPOS DE CASAS EM BAIROS RURAIS



Fig. 20

Casas de trabalhadores assalariados em grande propriedade canvieira, construídas no estilo das antigas "colônias" pelo fazendeiro, mas fora de suas terras, no núcleo do bairro (Cruz Caiada).  
(Fot. Midori Katayama)



Fig. 21

Casa de um próspero sitiante do bairro de Cruz Caiada, vendo-se, à esquerda, a residência, no centro a garagem e, à direita, o depósito e o curral.  
(Fot. Midori Katayama)

diretamente, sem que os bairros mais importantes sirvam de intermediários, como no caso de assistência médica ou de atendimento religioso especial. Há, no entanto, as ligações hierárquicas normais, como o do abastecimento das vendas dos pequenos bairros pelas dos maiores e o destas, por sua vez, diretamente na vila mais próxima ou na cidade. As ligações com os núcleos urbanos se fazem, de preferência, com a cidade de Piracicaba; em alguns casos, devido à proximidade, os bairros se ligam a vilas (como Pederneiras em relação a Saltinho) ou a cidades vizinhas (como Anhumas, que procura Conchas).

Os bairros aparecem, assim como unidades hierarquizadas do habitat rural, engrenadas num sistema de organização do espaço urbano. Pela definição de suas dependências em relação aos núcleos urbanos, constituem importante elemento na avaliação da área de influência das cidades e vilas.

#### OS BAIRROS COMO FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

Os bairros, no que concerne às formas de ocupação do solo e tipo de produção, se harmonizam, na maioria das vezes, com o que predomina na área em que se encontram; chegam mesmo a copiar o tipo de produção das fazendas, reproduzindo, em pequena escala, o que nelas se faz. No entanto, apresentam certa originalidade pois, ao lado do produto comercial, mantêm sempre uma cultura de subsistência contribuindo, assim, para maior diversificação da paisagem.

Conforme as *áreas geoeconômicas* do município, podem-se distinguir várias categorias de bairros:

##### a) *Bairros da área canavieira*

Na porção central, setentrional e oriental do município, correspondendo aos distritos de Piracicaba, Tupi e à parte centro-setentrional do distrito de Artemis, os bairros, dentro do esquema geral, dedicam-se à produção da cana, vendendo as safras para as usinas próximas. Estas desenvolvem como que uma área de influência,

TIPOS DE CASAS EM BAIROS RURAIS



Fig. 22

Casa antiga, pertencente a lavrador estabelecido na área há tempo, de origem portuguesa, para aí vindo para trabalhar na lavoura de café (Bairro de Anhumas). (Fot. Midori Katayama)

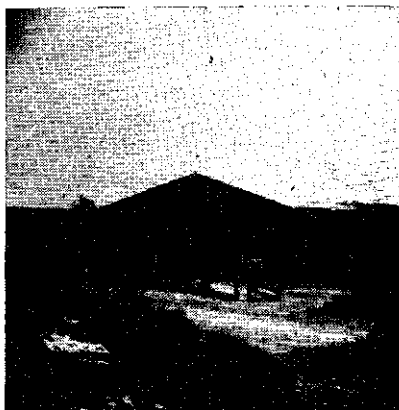


Fig. 23

Casa de construção recente, pertencente a lavrador de origem italiana (Bairrinho).  
(Fot. Midori Katayama)

havendo bairros que, por sua localização, ficam em íntima dependência das usinas. A Usina de Monte Alegre absorve a produção dos bairros de Dois Córregos, Batistada e Água Bonita; à Usina Capuava se prendem os bairros de Vila Nova e Tanquinho; para a usina Costa Pinto vai tôda a produção de Congonhal e para a de Santa Helena, a de Chicó. Alguns bairros, no entanto, dividem a produção entre duas usinas: Central e Santa Helena (bairros de Garcia e Formigueiro), Santa Helena e Monte Alegre (Água Branca).

A cultura de cana nos bairros que a ela se dedicam é freqüentemente mecanizada: quando não possuem o maquinário, contratam o serviço de especialistas, no bairro ou fora dêle, à razão de Cr\$ 600 por hora, conforme o tipo de trator ou de arado. É comum, também o uso de adubos e fertilizantes, que é comprado nas usinas ou nas fazendas. Em contraste, a produção de subsistência se prende à agricultura de enxada, em geral sendo feita em rotação com a cana ou, quando se trata de cultura da cana de "ano e meio", em associação. Dos produtos de subsistência, os mais comuns são os cereais (milho, arroz e incluindo êles, nesta categoria, também o feijão), frutas e modestas hortas, alguma criação, geralmente vendendo os excessos localmente ou em centros próximos.

Os bairros da área canavieira se entrozam na economia geral não apenas pela produção da cana, feita pelos pequenos proprietários. Em seus núcleos, em casas próprias ou alugadas, concentra-se uma variedade de trabalhadores, direta ou indiretamente dependentes da cana: são assalariados das grandes fazendas ou das usinas, muitas vêzes correspondendo a ex-proprietários de terras, antigos moradores do bairro que aí se mantiveram, ou formados por elementos recém-chegados, atraídos pela possibilidade de trabalho; são os "volantes", diaristas e tarefeiros, que contratam trabalho para a "capina" ou a "cortada", ou proprietários de máquinas e de caminhões, que empreitam trabalho nas propriedades vizinhas ou no transporte do produto.



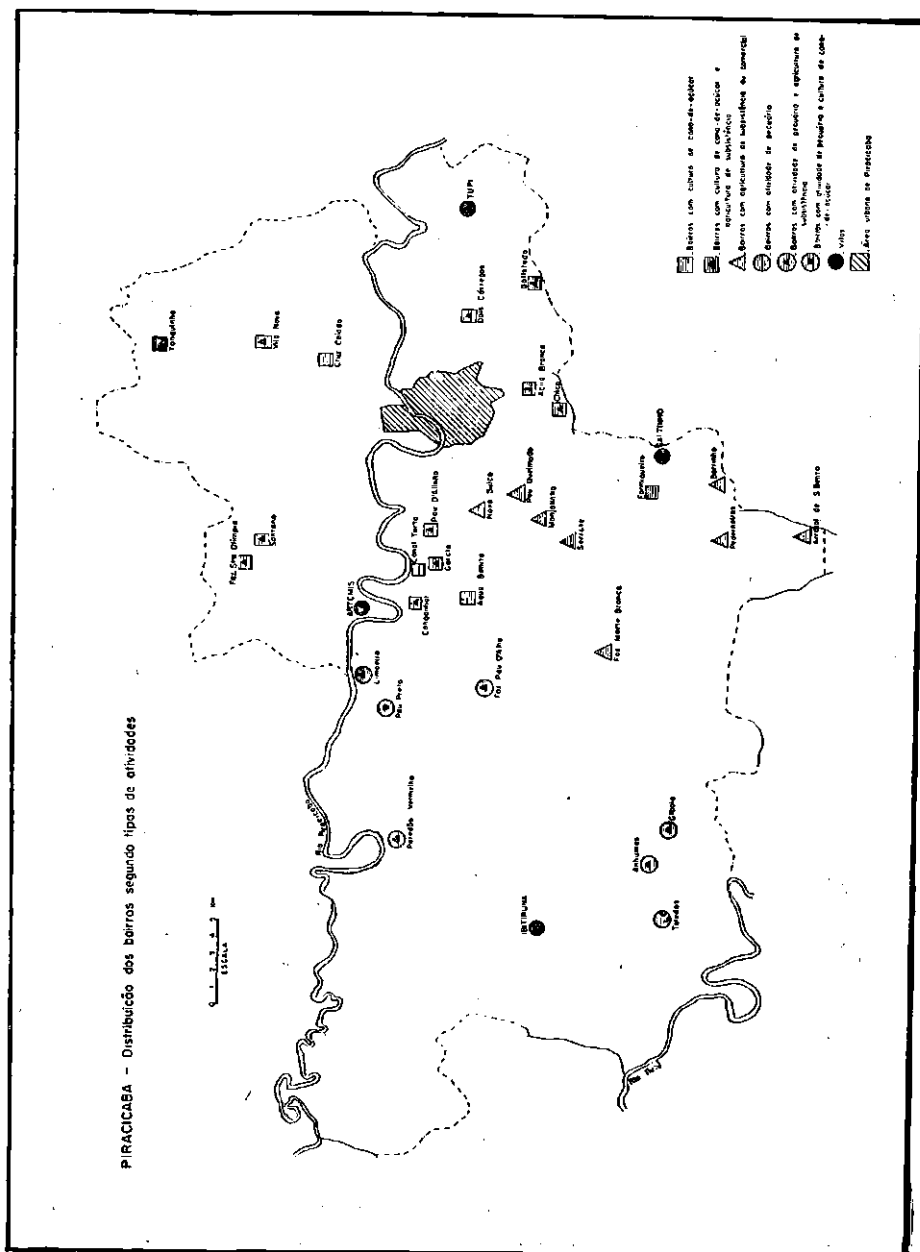


Fig. 24

b) *Bairros da área de pastoreio e de cultura do algodão*

Na porção ocidental do município, correspondendo ao distrito de Ibitiruna, está um conjunto um pouco heterogêneo de bairros. Em primeiro lugar, há os bairros que se dedicam, como produção comercial, exclusivamente à criação de gado leiteiro, como é o caso de Toledos; paralelamente, há os que, além da criação, fazem cultura do algodão, como em Anhumas, Monte Branco, Giboia e Páu d'Alho. Em ambos os casos, é comum a presença das culturas de subsistência. As paisagens resultantes são diversas: enquanto que no primeiro caso predominam as grandes extensões de pastos de capim catingueiro, por vêzes invadido pelo cambará, espécie arbustiva que aí constitui praga, no segundo a paisagem é variada e mais humanizada, perdendo a monotonia que caracteriza a anterior.

Os bairros das áreas de pastoreio são formados por produtores independentes em alguns casos, como os de Toledos e Anhumas; em outros, como ocorre em Giboia, seu núcleo é composto por grande número de arrendatários e parceiros, que trabalham nas fazendas, em culturas de algodão. O arrendatário e o parceiro, que fazem culturas por conta própria, são elementos fixos dos bairros; o meeiro, no entanto, é bastante instável. Recebe do fazendeiro a terra arada e o adubo, bem como financiamento, contra a metade da colheita; freqüentemente não conseguem equilibrar as finanças, acabam endividados e abandonam a cultura e o bairro ao cabo de 2 ou 3 anos.

c) *Bairros da área fumageira*

Na porção meridional do município, correspondendo aproximadamente ao distrito de Saltinho, estão bairros em que a policultura de subsistência tem bom desenvolvimento, aparecendo o fumo como cultura comercial. O cultivo é feito por técnicas comuns, só sendo mais elaboradas em relação ao beneficiamento do fumo.

São bairros que se caracterizam pela grande extensão da área periférica e pequena dimensão dos núcleos. Estes contêm alguns poucos parceiros, pessoas desenvolvendo outras atividades e "volantes" desempenhando qualquer tipo de trabalho. Isso se deve ao fato da maioria ser proprietária da terra e morar na própria exploração.

*Bairros com policultura de subsistência e produtos comerciais variados*

Independentemente de identificação por áreas geoeconômicas, existe ainda um outro grupo de bairros, que são os que mais se aproximam do tipo "cabôclo" de bairro, já identificado em trabalhos anteriores. Neles há culturas variadas, para consumo familiar, à base de enxada, com nenhum ou pouco uso de adubos, vendendo-se o excesso; ao lado da lavoura de subsistência, desenvolvem diferentes formas de produção comercial.

Dentro de um mesmo bairro as opções podem ser as mais diversas: em Monjolinho aparece a cana, o amendoim, a fruticultura e a criação de gado leiteiro; em Páu Queimado, os proprietários se dividem entre a fruticultura e a criação de gado leiteiro; em Nova Suiça a escolha é feita entre a cana e a fruticultura; em Serrote a fonte de renda é a criação de gado ou a citricultura.

São bairros com área periférica extensa e bem povoada, com predominância de sitiantes, de paisagem muito variada. Os núcleos em geral são pequenos, pois na base da economia tipicamente cabôcla, as propriedades são "tocadas" pela mão-de-obra familiar, com reduzido emprêgo de mão-de-obra assalariada ou parceiros. Os núcleos congregam os que se dedicam a atividades estranhas ao trabalho da terra e alguns meeiros que trabalham em grandes propriedades vizinhas.

Abrangendo vários tipos de organização econômica, os bairros também apresentam diferentes formas de organização social, dependendo da variação dos elementos de coesão. É claro que, quando se refere a formas de coesão social, admite-se a existência, real ou virtual, de uma comunidade rural. Portanto, admite-se vida social, de intensidade certamente variável, derivada de formas específicas de interação. De acôrdo com as pesquisas realizadas, os bairros de Piracicaba se prendem a três *tipos de interação*: 1) interação derivada de laços de parentesco, por consagüidade, ligações colaterais ou compadrio; 2) interação derivada de necessidades sociais, ligada à existência de escola, igreja, venda, de possibilidades comuns de lazer e distração e 3) interação derivada da natureza e

forma de atividade rural, à produção, distribuição e consumo de riquezas.

De acôrdo com essas formas de interação, varia a organização do grupo, variando as *formas de definição de liderança e de dependência*. Assim, dêsse ponto de vista, podem-se definir três tipos de bairros rurais:

1) — *Bairros de centralização patriarcal* — São aqueles, como Toledos e Anhumas, em que a propriedade da terra é de membros de uma mesma família. Os laços sociais são derivados do parentesco e das tradições familiares, sendo dirigido por um líder (freqüentemente o varão mais velho), que exerce autoridade moral, orienta a produção e os negócios, se interessa pela vida pessoal de cada um, dando conselhos oferecidos ou solicitados. São bairros que constituem verdadeiros clans, avessos à entrada de estranhos, até mesmo de adventícios remotos da família, preferindo o casamento endogâmico; quando os recebem, absorvem-nos, pela imposição de suas tradições e por uma fiscalização severa. São grupos rebeldes à aceitação de inovações que colidam com seus costumes; essa resistência à mudança faz com que se estiolem, freqüentemente estabelecendo contraste com os bairros vizinhos, mais produtivos progressistas. O estranho, inclusive o pesquisador, deve ter a habilidade de conquistar a simpatia e o beneplácito da "casa grande" e de não transgredir os tabus comunitários se quiser ter sucesso em seu empreendimento, qualquer que seja êle.

2) — *Bairros de centralização espontânea* — São aqueles que, como Monjolinho, Páu Queimado, Pederneiras, Páu d'Alho, Nova Suíça, Monte Branco, Bairrinho, Arraial de São Bento, Serrote, são formados por proprietários e trabalhadores rurais, com um mínimo de dependência econômica em relação a outros grupos. Entre êles estão vários dos bairros "caboclos" com policultura de subsistência e comercial. Na convivência, cada um leva vida autônoma, os contatos sociais se fazendo por relações de vizinhança, da freqüência à igreja e às festas locais. Não existe centralização fixa de autoridade: é antes resultado de uma convenção espontânea, deslocando-se de uma pessoa para outra, por efeito de delegação. O líder pode ser o vendeiro (Páu Queimado), o

proprietário de algum estabelecimento do núcleo (como o ferreiro de Arraial de S. Bento), o fazendeiro estabelecido no bairro (Páu d'Alho), ou, até mesmo, a professora (Serrote). São bairros em que a estrutura social é pouco rígida e diferenciada, a comunidade se mantendo por coalescência, à custa de contatos, de empréstimos, de troca de serviços e do compadrio.

3) — *Bairros de centralização econômica* — São aqueles (Batistada, Pau d'Alinho, Cruz Caiada, Dois Córregos, Chicó, Água Branca, Giboia, Garcia, Congonhal, Formigueiro, Água Bonita, Vila Nova e Tanquinho) que estão especialmente ligados à produção canavieira, aos sistemas do trabalhador assalariado, do empreiteiro, do diarista, do fornecedor de cana. O bairro é em geral constituído por famílias de diferentes procedências, separadas por disparidade de haveres, de costumes, de côr e de atividades. A autoridade controladora recai no grande proprietário ou no usineiro, freqüentemente por intermédio de um seu representante, autoridade que repousa na dependência econômica. Os contatos sociais são limitados pela própria heterogeneidade do grupo, derivando apenas de freqüência à venda, às festas religiosas, à cancha de "boche". A organização social do bairro depende muito do padrão da autoridade: em alguns ela é frouxa, levando à presença de desordeiros e a pequena coesão entre os moradores, correspondendo à falta de interêsse e de presença do líder; em outros, o grupo é coeso, com nível de vida e cultural elevado, usufruindo de vantagens e comodidades obtidas por influência de uma autoridade que, direta ou indiretamente, está sempre presente. No primeiro caso está o bairro de Cruz Caiada, no segundo o de Vila Nova.

De qualquer forma, a centralização de origem econômica, patronal, influi poderosamente na vida dos bairros: a tendência ao reagrupamento de terras faz com que os bairros da área canavieira fiquem freqüentemente asfixiados entre grandes propriedades, com limitada área periférica própria (Batistada), por vêzes transformados em mero centro de concentração de mão-de-obra, praticamente sem área periférica (Cruz Caiada). As usinas, às vêzes, chegam a instalar seus empregados nos núcleos dos bairros, aí construindo-lhes habitações (Batistada, Cruz Caiada, Vila Nova).

A centralização econômica, diminuindo o número de pequenos proprietários e introduzindo nos núcleos elementos exógenos, chega a transformar a organização original do bairro: Batistada e Chicó foram bairros tipicamente patriarcais, oriundos de fragmentação da terra entre membros de uma mesma família; hoje eles constituem minoria na comunidade, invadida que foi por elementos estranhos. Curiosamente, apesar disso, as famílias mantêm-se unidas e conservam certo grau de ascendência social: em Batistada, são os Batista que cuidam da igreja e patrocinam as festas tradicionais; em Chicó, há reuniões periódicas das antigas famílias para discussão dos problemas do grupo.

#### CONCLUSÃO

Do estudo realizado em 30 bairros rurais de Piracicaba não só se pôde chegar a uma compreensão da organização do espaço agrário do município, nas áreas fora do domínio de fazendas, como se pôde apreender certos característicos que trazem nova contribuição ao conhecimento geral do bairro como forma de habitat rural em território paulista.

Nos estudos já realizados em que há referência à origem dos bairros, tem sido eles ligados à divisão hereditária da terra (30) e à presença do sítio, como pequena exploração agrícola (31). No entanto, verifica-se que, em Piracicaba, embora a subdivisão da terra seja elemento predominante da origem de bairros (mas não só por herança, também por compra) a presença de mercado de trabalho está na fonte de vários bairros da área canavieira. Além disso, não se pode dizer que só o sitiante constitua elemento formador de bairros. Há bairros que congregam, também, médios e grandes proprietários, havendo até mesmo casos de fazendeiros que moram em seus núcleos.

Já reconhecido como forma de habitat ligado à presença do sitiante, a que se acrescentaram parceiros e camaradas assalariados

---

(30) — Aziz Ab'Saber e Nilo Bernardes — Vallée du Paraíba, serra da Mantiqueira et région de São Paulo, pág. 151.

(31) — Alice P. Canabrava, op. cit. e Nice Lecocq Müller, "Sítios e Sítiantes"

(32), o bairro aparece como unidade de organização do espaço agrário, podendo abranger várias categorias: proprietários (com predominância dos pequenos), parceiros, arrendatários, tarefeiros, diaristas, além daqueles que desenvolvem atividade não ligada diretamente à terra (exploração de matérias primas locais, beneficiamento e transformação de produtos locais, transporte dos produtos) ou totalmente independente dela (vendeiros, açougueiros, padeiros, etc).

Como forma de habitat, o bairro tem sido considerado como forma de dispersão, já que “cada agricultor habita a sua propriedade não havendo dissociação entre a terra e o homem que a explora” (22). O argumento é invalidado, uma vez que já se sabe que o bairro não é formado apenas de sitiantes. Outros dizem que o bairro é às vezes disperso, às vezes aglomerado (34) ou que é ele uma forma de transição entre a dispersão e a aglomeração (35).

Pelos exemplos estudados, o bairro aparece ligado à dispersão através de sua área periférica, às vezes ordenada, outras não, constituindo o núcleo um centro de condensação de casas, contendo uma população com atividades diferenciadas. Dêsse ponto de vista, não parece estar muito errado o conceito estabelecido, já há alguns anos, por Nice Lecocq Müller (36): “Bairro é todo conjunto de casas, suficientemente próximas para que se estabeleçam contatos sociais entre seus moradores. É uma célula de comunidade rural onde existem certos tipos de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência da venda, capela ou escola e cujo raio de ação marca os limites do bairro”. Para o observador casual, a paisagem realmente aparece como tendo predominância do habitat disperso, com alguns adensamentos de quando em vez. Mas o importante é saber reconhecer que essa dispersão e êsses adensamentos correspondem a uma forma de organização, a um tempo espacial,

---

(32) — Carlos Borges Schmidt — “A vida rural no Brasil: a área de Paraitinga, uma amostra representativa”.

(33) — Alice P. Canabrava, *op. cit.*

(34) — Carlos Borges Schmidt, *op. cit.*

(35) — Aziz N. Ab'Saber e Nilo Bernardes, *op. cit.*

(36) — *op. cit.*

econômica e social. Cada bairro é uma célula organizada, que corresponde a um substrato territorial, mais ou menos conforme as possibilidades oferecidas pelo seu núcleo ou a gênese que o explica. As várias células, ou os vários bairros, se integram num conjunto hierarquizado, que mantém relações com outras formas de organização do espaço agrário (fazendas, usinas) e com os núcleos urbanos.

De qualquer forma, pela variedade de fatores de origem, pelas diversas formas de estrutura econômica e social, são altamente aconselháveis estudos de detalhe, em várias regiões, antes de se tentar generalizações ou chegar a uma sistemática. O que seria do maior interesse, pois os bairros parecem constituir importante ponto de partida, como células que são, para as preocupações de assistência rural ou de planejamento regional.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — Ab' Sáber, Aziz Nacib e Bernardes, Nilo — Valée du Paraíba, serra da Mantiqueira et região de São Paulo. Guia da Excursão n.º 4 do XVIII Congresso Internacional de Geografia, Rio de Janeiro, UGI, 1956
- 2 — Canabrava, Alice P. — Primeiras notas para um estudo acêrca dos bairros do Estado de São Paulo, Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Vol. III, pág. 650 - 652. CNG, Rio de Janeiro, 1944.
- 3 — ———— A região de Piracicaba. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Ano IV, n.º 45, págs. 275-328. São Paulo, 1938
- 4 — Keller, Elza Coelho de Souza — Estado atual dos conhecimentos sôbre o habitat rural no Brasil, Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. X, tomo I, págs. 145-171. AGB. S. Paulo. 1958.
- 5 — Neme, Mário — Um município agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Ano V. Vol. 47, págs. 5-94. São Paulo, 1939.
- 6 — Müller, Nice Lecocq — Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo, São Paulo, 1951
- 7 — Schmidt, Carlos Borges — O meio rural. São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola. 1946.
- 8 — ———— A vida rural no Brasil: a área de Paraitinga, uma amostra representativa. São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1951.
- 9 — ———— Povoamento ao longo de uma estrada paulista, Boletim Paulista de Geografia, n.º 6. São Paulo, 1950.
- 10 — ———— Aspectos do habitat rural — Bases de seu estabelecimento no vale do Paraitinga e no litoral norte paulista, Digesto Econômico, ano V, n.º 60. São Paulo, 1949.